

GT39: Espiritualidade na Cidade

José G Magnani, Carlos Steil

Há algum tempo, os cientistas sociais da religião têm chamado a atenção para o fato de que o campo religioso está se tornando cada vez menos o campo das religiões. Tornou-se recorrente, nos meios escolarizados urbanos, a afirmação de pessoas que se reconhecem como espiritualizadas, mas não religiosas. Neste mesmo sentido, a interpretação dos dados do Censo/2010, relativos aos 8% dos que se declaram sem religião, tem destacado que esta porcentagem pode abrigar muitas pessoas que têm práticas espirituais fora do enquadramento institucional das religiões estabelecidas. A experiência que temos nos campos da antropologia urbana e da religião mostra que têm sido recorrentes pesquisas etnográficas sobre práticas espirituais e rituais de indivíduos e grupos que se definem em oposição às formas institucionalizadas de presença da religião na sociedade ou que se reproduzem, incorporando o mínimo de organização institucional. Reunir e pôr em diálogo algumas destas pesquisas e estimular o debate sobre a incidência e implicação destas experiências na reconfiguração do campo religioso na cidade, é o objetivo deste GT.

Observar o sagrado entre mulheres na cidade

Autoria: Hannah L. A. de Vasconcellos

Há um movimento crescente entre mulheres jovens e urbanas. Elas se reúnem em torno de práticas naturais de autocuidado, especialmente com o útero, a vagina e a vulva. Pensando este grupo, o presente trabalho é fruto de uma pesquisa que venho desenvolvendo em torno de jovens no contexto urbanizado que estão reelaborando essas práticas, organizando-se nas redes sociais e promovendo encontros pagos para compartilhar e ensinar. Elas usam o que chamam de medicina ancestral para cuidarem de si em rituais em grupo ou sozinhas em seus apartamentos na cidade, território que exige adaptações como a substituição de quintais por vasos e da colheita pela compra de insumos em erveiros. Dessas práticas, surgem cruzamentos com a espiritualidade: é possível observar que elas frequentemente evocam ideias que transcendem o tangível, como sagrado, cura e bruxaria. Com a crescente desses grupos, alguns tensionamentos estão surgindo: críticas à "espiritualidade fast food" e às dinâmicas raciais estabelecidas estão cada vez mais no centro da observação. Uso a netnografia como ferramenta metodológica para construção das redes de contato. Enquanto pesquisadora, chego até esses grupos através, primordialmente, do Instagram, onde eles estão concentrados e são bastante ativos, divulgando informações, reflexões e também criando público para encontros pagos e consultorias. Além disso, é nas redes sociais que tal movimento estabelece também um estilo de vida atraente através de imagens marcantes e conceitos-chave como sexualidade sagrada, ancestralidade feminina e autoconhecimento. Nessa dinâmica, a algoritmização da vida e, portanto, do sagrado se faz presente na pesquisa. A partir dessa aproximação, participei dos encontros, observando e participando ativamente dos rituais, e estabelecendo contato, mantendo conversas com mulheres que lideram e organizam esses grupos, além de algumas de suas participantes. Ao me aproximar dessas mulheres enquanto uma pesquisadora negra, os tensionamentos raciais são compartilhados para explicar desconfortos, distanciamentos e até mesmo a criação de grupos focados em mulheres racializadas, com estratégias próprias de acolhimento e distribuição do que é arrecadado nos encontros pagos. Ao observar o sagrado na cidade entre mulheres, a pergunta que emerge é: como os cruzamentos entre sagrado, raça e cidade surgem na produção dessa espiritualidade praticada por essas mulheres?

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

